

MEMORIA

SOBRE A

RESIDENCIA DE CHRISTOVAM COLOMBO

NA ILHA DA MADEIRA

POR

AGOSTINHO DE ORNELLAS

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA



LISBOA

Typographia da Academia Real das Sciencias

1892

ANT
XIX
1295/8

R.44.156

30 cm.



4578



MEMORIA

SOBRE A RESIDENCIA DE CHRISTOVAM COLOMBO

NA

ILHA DA MADEIRA



PROGRESSO da democracia não tem prejudicado o culto dos grandes homens. Ao passo que se diffunde a illustração e se fortalece a consciencia das nações, é melhor comprehendida a acção dos espiritos superiores e cada povo se compraz em manifestar a sua gratidão aos seus bemfeitores, aos auctores da sua gloria, aos que lhe asseguraram um lugar distincto na historia da humanidade. Tem o nosso seculo visto celebrar uma serie d'estas commemorações solemnes e os chamados centenarios conquistaram um lugar na vida das nações e serão d'ora avante preito rendido e tributario feudo que se não poderá negar á memoria dos heroes.

Prepara-se a Hespanha, ou para melhor dizer, o mundo civilizado para festejar uma das mais poderosas individualidades d'aquella epocha maravilhosa que transformou as condições da civilisação e acelerou de modo incalculavel a marcha do progresso. A idéa gerada na mente de Colombo foi a mais fecunda talvez de quantas os homens conceberam e a realisação d'ella não só descobriu um novo mundo, mas fundou uma nova civilisação rival da velha Europa e que, decorridos quatro seculos, se eleva em frente d'ella como destinada a mais prospero futuro e maior influxo na vida da humanidade. Justo é pois, justo e devido, que todas as nações se associem á glorificação do grande homem e entre todas Portugal onde elle apprendeu a grande navegação, onde confirmou, em presença dos factos, a concepção do seu espirito, onde encontrou

familia e amigos, e que lhe teria dado os meios de levar a cabo a sua empreza, se fosse licito preferir theorias e esperanças a factos averiguados e a dados positivos e experimentalmente verificados.

Fosse Colombo, como disse o seu primeiro biographo¹ oriundo de paes obscuros, e segundo affirma HARRISSE² ainda em 1472 qualificado de *lanerio*, o que, na accepção mais favoravel, significaria negociante de pannos de lã, ou fosse, como elle proprio affirma, procedente de uma familia de marinheiros e habituado de tenros annos a guerras e aventuras maritimas, é certo que no anno de 1474 se achava em Portugal e escrevia a Toscanelli a celebre carta em que o interrogava sobre a possibilidade de chegar ao paiz das especiarias, navegando para o Occidente. Pouco depois, é d'isso prova a data do nascimento de seu filho mais velho, casava com uma senhora de origem italiana e ligava-se a uma familia de maritimos e descobridores. Desde que el-rei D. Diniz, o creador da nossa marinha militar, mandara vir de Genova um almirante e com elle numeroso pessoal para commandar os nossos navios, estreitaram-se e amiudaram-se as relações entre Portugal e as republicas italianas, sendo frequente encontrar nos documentos dos seculos xiv e xv menção dos mercadores venezianos, genovezes e sobretudo *prazentins* estabelecidos entre nós e representando um activo e importante papel no commercio e navegação nacionaes. De Placencia, onde ainda existe a familia,³ passou a Portugal nos fins do seculo xiv um micer Philippão Perestrello que, em 1399, foi isento de pagar certos impostos por ter provado ser de nobre ascendencia. Um filho d'elle, Bartholomeu, serviu na casa do infante D. João, mestre da ordem de Santiago, e passou depois ao serviço do infante D. Henrique, onde mais facilidades encontraria para se dedicar ás descobertas maritimas. Teve na casa do principe navegador logar importante, pois na carta de confirmação da compra da capitania do Porto Santo por Pedro Correia, fidalgo da casa do infante D. Henrique, diz este⁴ «que o creou e o casou com uma filha de Perestrello». Estas expressões mostram que o principe considerava um beneficio feito a um creado seu ter-lhe dado por mulher uma filha de Perestrello, em quem se dá tambem a circumstancia de ser agraciado com a capitania do Porto Santo sem ser o seu primeiro descobridor.

Este Perestrello casara com uma filha do capitão mór do mar, Affonso Furtado, e d'ella tivera Catharina Furtado mulher de Mem Rodrigues de Vas-

¹ Agostinho Giustiniani.

² *Christophe Colomb sa vie, etc.*

³ Conte Pallestrelli, *Il suocero e la moglie de Christoforo Colombo.*

⁴ *Livro das Ilhas*, fols. 28 e 29.

concellos¹ senhor de terras no Canisso, ilha da Madeira, e Iseu Perestrello com quem o infante D. Henrique casara Pedro Correa. Affirmam as *Historie* de Fernando Colombo que Pedro Correa era cunhado de Colombo e o mesmo diz o seu contemporaneo Bartholomeu de las Casas. É consequencia necessaria d'este parentesco, ser Colombo casado com uma filha de Bartholomeu Perestrello. Mas as provas d'este casamento são ainda mais completas. Do mesmo documento já citado² se vê que o filho primogenito de Bartholomeu Perestrello era menor de oito annos quando morreu seu pae, e teve por tutores sua mãe Isabel Moniz e seu tio Diogo Gil Moniz. D'esta segunda mulher do primeiro capitão de Porto Santo foi filha Filippa Moniz mulher de Christovam Colombo o que se demonstra com documentos. Nomea-a por sua mulher no seu testamento o grande navegador e seu filho Diogo diz, tambem no seu testamento, que ella fôra sepultada na capella da Piedade na Igreja do Carmo de Lisboa, jazigo de sua linhagem. Ora o fundador d'essa capella³ foi Gil Ayres, escrivão da puridade do Condestavel Nuno Alvares Pereira,⁴ e seus filhos: Diogo Gil, o tio e tutor do filho de Bartholomeu Perestrello, Vasco Gil Moniz e Guiomar Gil, tiveram uma demanda para reivindicar o direito exclusivo da sua linhagem a serem sepultados na Capella da Piedade ou de Nossa Senhora do Pranto e obtiveram sentença favoravel, que se pode ver transcripta na *Chronica dos Carmelitas* de fr. José Pereira de Sant'Anna. A tradição primitiva do casamento de Colombo, como a referiram seu filho Fernando e o seu contemporaneo Las Casas, está assim provada documentalmente e não é licito d'ora avante suscitar duvidas como as em que se comprazem HARRISSE e WINSOR, sem incorrer pelo menos na nota de menos diligente investigador ou de sceptico acintoso. Pois não foi pelos mesmos recentes e eruditos escriptores posto em duvida que Bartholomeu Perestrello e Pedro Correa fossem navegadores, como se no começo do seculo xv, em pleno dominio das lendas do mar Tenebroso, homens extranhos á vida do mar acceitassem as capitancias do Porto Santo e da Graciosa e se condenassem ao isolamento nas solidões do oceano que não ousassem atravessar! Um e outro serviram o infante D. Henrique e foram d'elle prezados e que qualidade prezava elle mais nos seus servidores que a de bom marinheiro? Pertenceram á escola de Tristão Vaz, de Zarco, de Gil Eannes, de Lançarote, de Gonsalo Velho, se não ligaram o seu nome a uma descoberta celebre, foram escolhidos para governar duas das pri-

¹ *Livro das Ilhas*, fol. 4.

² *Livro das Ilhas*, fols. 28 e 29.

³ José Pereira de Sant'Anna, *Chronica dos Carmelitas*.

⁴ *Chron. do Condestabre*, ed. de 1554, fol. 41.

meiras colonias portuguezas e este facto basta para attestar que não eram extranhos á vida do mar nem desconhecidos dos audazes navegadores, entre os quaes iam viver e exercer auctoridade. Tudo confirma, tudo corrobora a asserção de Fernando Colombo, cioso defensor das glorias paternas e que todavia proclama e sem hesitar affirma que muito deveu o descobridor da America ás tradições e exemplos do sogro e do cunhado.

Estava Filippa Moniz recolhida no Mosteiro de Santos, desde a sua origem destinado a asylo das familias dos cavalleiros de Santiago. O mestre da ordem fôra amo de Bartholomeu Perestrello, nada mais natural do que encontrarem alli abrigo Isabel Moniz e sua filha, quando enfadada de viver no Porto Santo, como diz Fructuoso, aquella voltou a Lisboa. Mais tarde, restituído seu filho á posse da capitania do Porto Santo, para alli regressou com sua filha e genro e alli pelos annos de 1475 nasceu Diogo Colombo; elle mesmo o affirmou a testemunha tão digna de credito como o santo bispo de Chiapas, o caridoso Las Casas.¹

Até aqui baseamos as nossas affirmações em documentos authenticos e vimos confirmados e provados historicamente o casamento de Colombo com Filippa Moniz, filha de Bartholomeu Perestrello, primeiro capitão do Porto Santo e de sua segunda mulher Isabel Moniz, bem como o nascimento na mesma ilha de seu filho primogenito e successor Diogo Colombo; será tambem historica e authentica a tradição que affirma ter elle residido na Madeira e ter habitado a casa de João Esmeraldo, ha pouco demolida?

A ilha da Madeira, a primogenita das colonias portuguezas, achava-se no fim do seculo xv, em plena prosperidade. O commercio do assucar de que tinha o lucrativo monopolio, attraia negociantes de todos os paizes da Europa e coalhava de navios os seus portos. Numerosos colónos seduzidos pela esperanza de engrossar a sua fazenda, vinham fazer n'ella assento, a que os convidava tambem a amenidade do seu clima. Habitada pelos filhos e herdeiros dos primeiros navegadores portuguezes, dos primeiros que haviam arrostado com os terrores legendarios do pego, era um centro activissimo de emprezas maritimas, um posto avançado d'onde se arrojava aos mares nunca d'antes navegados tudo o que havia de mais audaz e de mais emprehendedor n'aquella vigorosa geração contemporanea e successora dos filhos de D. João I. Collocado a quarenta milhas apenas de logar para elle tão cheio de poderosos attractivos, deixaria Colombo de o visitar? Nem só é moralmente certo que visitou a Madeira, tem toda a probabilidade que alli assentasse morada e procurasse meios de subsistencia, informações de navegadores, auxilio á empreza

¹ Las Casas, *Historia de las Indias*, liv. I, cap. iv, pag. 55.

que meditava, nada do que podia obter n'uma pequena ilha sem importancia e totalmente eclipsada pela sua prospera vizinha. Não podemos duvidar de que Colombo passasse do Porto Santo á Madeira; o primeiro navegador de quem falam as *Historie* como dando a Colombo informações sobre as terras incognitas do Atlantico, é um madeirense, é Antonio Leme. A celebre lenda do piloto naufragado que lhe revelou a existencia do novo mundo, refere-se á sua casa na Madeira; uma tradição não interrompida durante quatro seculos dá como facto positivo, o que todas as probabilidades, todas as verosimilhanças levam a presumir. Foi do Funchal que Colombo viu partir os navios do infante D. Fernando, senhor da Madeira¹ em busca da ilha que a oesnoroeste d'ella avistara Gonsalo Fernandes de Tavira, á volta do Rio do Ouro;² de lá saiu sem duvida a expedição de Ruy Gonsalves da Camara, segundo filho de Zarco, a descobrir a ilha que esperava achar ao norte de Cabo Verde. Já de volta a Portugal e prestes a partir para Hespanha, ouve Colombo falar da tentativa de outro madeirense, Fernão Domingues do Arco, que obtem a promessa da capitania da ilha das Sete cidades em cujo descobrimento se ia empenhar, apesar de tantas outras tentativas mallogradas para lhe quebrar o encanto. Era madeirense João Affonso do Estreito, o socio de Fernão d'Ulmo, capitão da Terceira, que com elle contracta o armamento de uma expedição a que se referem as *Historie* e que devia aportar ás costas da America do Norte, na direcção que seguiram depois Gaspar e Miguel Cortereal e que talvez já antes intentasse o pae de ambos, João Vaz, depois capitão de Angra. Diogo de Teive, o descobridor da ilha das Flores, cujo piloto foi um dos que deram noticia a Colombo de terras de além do Atlantico, passara da Madeira á Terceira com seu genro João d'Ornellas, que em 1500 se offerecia aos reis catholicos para tentar novas explorações maritimas.³ É Las Casas que nos attesta finalmente que Diogo Colombo lhe dissera ter seu pae vivido na Madeira onde estavam constantemente chegando noticias de novas descobertas e «este foi o principio da descoberta do novo mundo». A idéa da esphericidade da terra concebida pela philosophia grega e revivida, já na primeira renascença, a de Rogerio Bacon e de Alberto Magno, tinha suggerido aos cosmographos do seculo xv a possibilidade de aportar ao extremo oriente, seguindo o rumo do Occidente. Esta idéa que Toscanelli advoga e que mais tarde Jeronymo Monetario (Münzmeister) manda recommendar a D. João II por intermedio de Behaim, talvez disposto a tentar-lhe a execução, se no momento mesmo em que chegava a Por-

¹ Livro 2.º dos mysticos, fol. 155.

² *Id.*, *ib.*

³ M. F. Navarrete, *Collecion de viages e descubrimientos*, tom. III, pag. 41, § 39.

tugal se lhe não tivesse antecipado Colombo, fôra por este adoptada com um aferro, uma fé profunda que lhe deram animo para arrostar com os desprezos e até com o escarneo dos principes e sobretudo dos sabios da escola adversa.

Na Madeira e nas viagens que empreendeu nos navios portuguezes, familiarisou-se com as condições praticas da execução do projecto que o absorvia, n'ella o genovez, quando muito conhecedor da navegação costeira do Mediterraneo, viu e praticou a navegação do mar alto, engolphado no pego, tendo por unicos guias a agulha e o astrolabio. Com o seu engenho superior, com o seu notavel espirito de observação, Colombo apprendeu na nossa escola, ora correndo para o sul até á Mina, já subindo ao norte ainda além da Islandia, a grande navegação e adquiriu a pericia pratica que depois o habilitou a commandar uma esquadra e a ligar para sempre ao seu nome o titulo de almirante. Julgou preceder-nos na India, porfiou com a sua inexcedivel tenacidade em que descobrira Cipango e o Cathayo, mas foi um portuguez no feito, embora não na lealdade, quem afinal encontrou esse caminho para o Oriente pelo Occidente e seguindo para oeste foi aportar ás ilhas visinhas da desejada Cipango. Não é porém nosso proposito alargarmo-nos n'este assumpto, por captivante e seductor que seja, provámos que Colombo viveu na Madeira, poderemos tambem mostrar que ainda ha pouco existia e foi vista de contemporaneos a casa onde elle habitou?

Ainda em 1877, elevava-se entre as ruas do Esmeraldo e do Sabão na cidade do Funchal, um grande edificio cuja antiguidade se revelava no seu aspecto ennegrecido e vetusto, na sua architectura entre gothica e manuelina e na data gravada no capitel da columna da sua janella principal.

Construcção do seculo xv, transição do estylo gothico ainda conservado na ogiva perfeita da porta que dava para a rua do Sabão, e o estylo da renascença já dominante na sua janella central, pertencera a Jean d'Esmeaut oriundo da Picardia e segundo Henrique Henriques de Noronha, abalizado escriptor de historia madeirense, estabelecido na ilha pelos annos de 1480, transformando a pronuncia portugueza o seu nome em Esmeraldo.

A tradição antiquissima e constante affirma que n'esta casa residiu Christovam Colombo e todos os escriptores que tem mencionado a estada do grande descobridor na Madeira, repetem sem hesitação nem duvida o que na ilha era por todos tido em conta de verdade incontestavel. Citaremos entre outros um americano celebre, o general John Dix, que na sua obra *A Winter in Madeira* colloca no frontispicio uma gravura da janella manuelina. A mesma honra lhe presta Miss Ellen M. Taylor na obra intitulada *Madeira its scenery and how to see it*. Robert White *Handbook of Madeira*, Grabham, *The Climate and Ressources of Madeira*, o sr. Luciano Cordeiro no seu opusculo *De la part prise par les portugais*, etc., Mason and Driver *A Treatise on the Climate of Madeira*, to-

dos dão testemunho da existencia da antiga tradição que fixa na casa da rua do Esmeraldo a morada de Colombo. Quando em 1877 o edificio foi sacrificado, como tantos outros nas primeiras cidades da Europa, as necessidades da viação urbana, o sr. dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo que já nas suas eruditas notas a Gaspar Fructuoso, se referira á tradição, escreveu uma memoria sobre a casa, e o distincto artista o sr. Camacho reproduziu pela photographia as principaes vistas do interior e exterior d'ella. Esta memoria serviu de base a uma interessante noticia sobre o assumpto que o então consul de S. M. Catholica no Funchal, o sr. D. Ventura de Callejon, fez publicar na *Ilustracion Española y Americana*, num. xxxviii de 15 de outubro de 1878, acompanhada de quatro bellas gravuras.

N'este consenso unanime só encontramos uma voz discordante, a do sr. HARRISSE, que na sua *Vida de Colombo* trata rapidamente o assumpto n'uma nota e objecta ter a casa sido edificada em 1457, como se via da inscripção da janella, para um homem que só veiu para a Madeira em 1480, e ser o edificio sumptuoso de mais para ser habitado por um pobre aventureiro como Colombo. Ambas as difficuldades se resolvem comtudo facilmente. A data da inscripção foi primeiro lida incorrectamente antes de demolida a casa; examinada porém melhor, depois de apeada a janella, leram-na alguns 1494, outros 1474. A primeira leitura é de uma data posterior á residencia de Colombo na Madeira, a segunda de uma anterior á vinda de Jean d'Esmeaut. A janella foi conservada e existe em poder do auctor d'esta memoria, dono dos pavimentos superiores da casa, que para si a reservou quando alienou o prédio. Na sua opinião o 3.º algarismo é um *sete*, porque a barra transversal, embora um pouco curva, não fecha com a barra vertical, e o ser a casa anterior á vinda do que era seu dono em 1482 ou 1483, só prova que elle a não edificou, mas a adquiriu por compra ou qualquer outro titulo. Ora o auctor da *Insulana*, poema epico, cujo assumpto é a descoberta e colonização da Madeira, faz menção¹ de uma grande edificação no chamado Campo do Duque, cujas extraordinarias dimensões suscitarão geral surpresa e deram azo a que se fizessem capitulos contra o dono, como se quizesse levantar casa forte. No Campo do Duque, entre as ribeiras de Santa Luzia e S. João, estava situada a casa Esmeraldo, e não ha noticia de outro edificio notavel construido n'aquelle sitio nos primeiros tempos da colonisação. Nada mais natural do que ter Jean d'Esmeaut, ou como lhe chamavam em portuguez, João Esmeraldo, comprado aquella casa, como aforou em 1493 a Ruy Gonçalves da Camara a Lombada que depois se chamou dos Esmeraldos² onde edificou casa, capellas e enge-

¹ Manuel Thomaz. *A Insulana*. Liv. v, estancia 117.

² Escriptura de 28 de Janeiro de 1498. Traslado authenticico no meu cartorio.

nho de assucar, como diz na escriptura de partilhas com seus filhos, em que instituiu os Morgados do Val da Bica e Santo Espirito, aos quaes annexou a casa que possuia no Funchal «entre a rua do sabão e a que vem do abocadouro dos bateis» sem dizer que fosse edificação sua, como expressamente declara das casas da Lombada. Não podia Colombo pobre e desvalido habitar como locatario uma casa tão vasta e sumptuosa, mas podia habital-a como hospede e protegido do senhor d'ella, como habitou dois annos em casa do Duque de Medina Celi. Existiam na Madeira é verdade muitos genovezes, mas oriundos das mais illustres familias da republica, como o attestam os nomes, ainda hoje alli existentes, de Doria, Spinola, Lomellino, Salvago, etc., e Colombo desejoso de occultar a sua obscura progenie, procuraria, sem duvida, de preferencia quem ignorasse a sua origem e melhor disposto estivesse portanto a apreciar as eminentes qualidades pessoas que tanto o distinguiam. E circumstancia digna de nota, e, a meu ver, prova da verdade da tradição, o filho do segundo matrimonio de João Esmeraldo recebe o nome de Christovam. Podemos fixar quasi exactamente a data do seu nascimento; acompanhou á jornada de Azamor o duque D. Jayme de Bragança em 1513, não teria menos de 15 annos; era menor de 25 em 1522, data da escriptura de partilha citada,¹ nasceu portanto por 1498, data tambem notavel, porque foi quando na sua terceira viagem, Colombo já Almirante do mar das Indias, fez escala pela Madeira e Porto Santo. Sabido é quão fielmente observam as familias nobres portuguezas a ordem dos nomes dos filhos. Toma o primogenito o nome do avô paterno, ao filho segundo pertence o do avô materno e assim por deante. Só por motivos extraordinarios, por circumstancias especialmente attendiveis se altera esta velha usança. Pois nos ascendentes paternos e maternos de Christovam Esmeraldo, não encontramos este nome. E não lhe faltavam ascendentes e collateraes de renome e fama e collocados em altas posições. Seu avô materno, de quem devia herdar o nome, apesar de ser, como diz a carta de D. Affonso V² que lhe dá armas novas, fidalgo de antigo e conhecido solar, quiz tomar o appellido de Arco por ser senhor do Arco da Calheta, uma das mais ferteis e ricas regiões da Madeira; sua mãe Agueda d'Abreu era irmã de Philippa de Abreu, ama de el-rei D. João III, e mulher de Bartholomeu de Paiva, amo e camareiro-mór do mesmo rei,³ governador da Torre de Belem e grande pessoa na côrte, onde vivera desde creança, tendo sido pagem do livro do principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II. Pelo lado paterno não era me-

¹ Confirmada por El-Rei D. João III e lançada no Liv. 47 da sua *chancellaria* fl. 39, datada de 12 de Junho de 1522.

² *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. II, fl. 120.

³ *Annaes de D. João III*, anno de 1530. Livro das Ilhas, fl. 20.

nos illustre a sua ascendencia e as alianças da familia de Esmenaut ligavam-na ás primeiras casas de Flandres, Artois e Picardia; basta mencionar os nomes de Hallwin, de Fiennes e de Nêdonchel, cujas armas são esquarteladas com as d'aquella, no diploma passado a João Esmeraldo em Malines e confirmado pelo imperador Maximiliano em outubro de 1508, depois sancionado e reconhecido em Portugal por cartas de el-rei D. Manuel de 13 de agosto de 1511 e 16 de maio de 1520.¹ Este nome de Christovam conservou-se na descendencia dos Esmeraldos, ainda depois de extincta a linha masculina, como prova das antigas relações que, segundo passava na familia de paês a filhos, existiram outr'ora entre o seu progenitor e o grande homem cuja perseverança indomavel e genial concepção revelaram um mundo desconhecido e transformaram as condições da vida da humanidade.

Concluindo, julgo que nenhuma objecção irrefutavel, nenhuma prova segura se adduz para infirmar a tradição; devemos pois reconhecê-la digna de credito e acceital-a como fundada em factos e justificando o direito que tem o nome de João Esmeraldo a ser recordado n'este momento solemne. em que dois mundos commemoram o heroe que os reuniu.

¹ *Chancellaria de El-rei D. Manuel*, Liv. VII, fl. 31, *Misticos*, liv. 6. fl. 174.



